

ERA NOVA

1 DE MAIO DE 1922

PARAIBA DO NORTE

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ANNO II

NUM. 25



Senhorinha ALICE GAUDENCIO
A MAIS BELLA DE S. JOÃO DO CARITY

QUAL A MAIS BELLA ?

Coupon para a eleição da parahybana que deve figurar no grande concurso de belleza nacional do Centenario de nossa emancipação politica.

Nome da senhora ou senhoria

Nome do votante

Residencia { Localidade

Rua

n.º

(Os votantes podem ser de ambos os sexos)

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
 expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

SUMMARIO

- I — Invasão do côco—*José Americo de Almeida*
- II — Acerca de um livro—*João da Matta*
- III — Quinzena rimada—(versos)—*B. de B.*
- IV — O avô Bonifacio—*Carlos D. Fernandes*
- V — Hospital "Oswaldo Cruz"
- VI — Vida de Imprensa—*Abel da Silva*
- VII — Mangue—(versos)—*Jorge de Lima*
- VIII — O segredo da profissão—*J. Maciel*
- IX — Passionaria—*Vieira d' Alencar*
- X — A pedra—(versos)—*Emygdio de Miranda*
- XI — Pedro Americo—*Elpidio de Almeida*
- XII — O mar—(versos)—*Faria Neves Sobrinho*
- XIII — Exposição do Centenario
- XIV — Crianças—*Vicente de Carvalho*
- XV — Cartas de Mulher—*V.*
- XVI — Os aviaes portuguezes
- XVII — O certame de Belleza

ASSIGNATURAS

Capital {	Anno - - - - -	18000	Salario {	Anno - - - - -	18000
	Semestre - - - - -	10000		Semestre - - - - -	10000
	Numero avulso - - - - -	5000		Não ha venda avulsa	
Numero atrasado 15000 • PEÇA DEBEMO SEVA, XI. • Pagamento decentado					

PARAHYBA DO NORTE

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarro:

Deliciosos, Populares, Epitacio Pesaña, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Fines, Morenos, Palha, Cor-
tiça, Hilda, Commerciaes, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarrilhos Bahianos, Electra, Brazil Club, Mariette, Ve-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimcos, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgos, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
innumeras marcas. — Fabricados com fumos de primeira qualidade.

Mantêm sempre grande stock de charutos dos melhores fabricantes da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS 340 OPERARIOS

Telefone: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

"Vender barato, para vender muito"

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

— DA —

SERRARIA NAVARRO

F. Navarro & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE

Palace Hotel

DE
José Temotheo Moraes

*O unico que tem banheiro
e aparelho hygienico.*

**SALAS DE REFEIÇÕES AO AR LIVRE
CAMPINA GRANDE
PARAHYBA**

HOTEL PERNAMBUCANO

DE
Nosinho Soares

COMMODOS DE PRIMEIRA ORDEM

Agrado, asseio e boa cozinha.

Campina Grande - PARAHYBA

MERCEARIA MODÉLO

(FILIAL DE PEREIRA ALMEIDA & C.)

IMPORTADORES

DE

**GENEROS ALIMENTICIOS DE
PRIMEIRA QUALIDADE, BEBIDAS
FINAS, CONSERVAS, ETC.**

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 123

Telephone, 250.

PARAHYBA

ELIXIR DE CANINANA E

JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELO PHARMACEUTICO
OVIDIO DUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recentes,
dartharos, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adormeci-
mentos dos membros e qualquer moléstia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo!

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do
Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL - PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital - Drogaria Passôa

IONA & C.^a

EXPORTADORES

Compram peles e couros, de toda especie, semen-
tes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantem grande deposito de linha de coser marca "ESTRELLA"

Têm casas com o mesmo ramo de commercio
EM MACEIO, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NATAL.

Endereço Telegraphico: — **DELMIRO**

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Praça São Pedro Gonçalves, ns. 75 e 97.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

SOCIEDADE ANONYMA — OFFICINA GRAPHICA DA "IMPrensa OFFICIAL"

ANNO II

Parahyba, 1.º de Maio de 1922.

NUM. 25

A INVASÃO DO CÔCO

Como eu passase, o outro dia, pela avenida João Machado, vi com alguma coisa um grupo de moças a dançar ao alto, numa vivacidade cantadeira despercebida da falta do bonito, do romance e de ... maracangas.

Por volta do meio da manhã, mais tarde, quando de luto as cores da cidade — das quaternas, das casinhas, das lojas, das ruas — nos variou com a melancolia vocal, incluído o ambiente ...

Em a cantilena epilética que, como, hoje em dia, as canções do mar e do sol, prova a resistência da garganta nacional, por mais que se desgastasse a nossa gente.

Se essa excitação se traduzisse por movimentos, seria um continuo adormecer. O máximo, porém, é o acompanhamento de palmas que, em se tratando de pessoas nervosas, deixam as mãos em estado latente. Tirante a avenida João Machado, onde já se dança ao ar livre.

É uma lembrança da praia, donde nos vem esse ar, como o authentic.

Essa importação tem uma história que reflecte, até certo ponto, a nossa psychologia social.

Aos rescaldos do fim do anno, a população urbana escôa-se para a beira-mar.

O oceano, enfeitado pelo nosso littoral, reartou-o, primorosamente, nessa orla pittoresca e desigual que recia em lindas enseadas e começa na extensão do cabo Branco. São os acessíveis num estendal de areia, espalhados coroados pelo panejamento dos coqueiros.

cuidados impostos por uma sociabilidade de toda hora. Os pés que se desafogavam, por vezes, nas sandalias domesticas padecem, intinidamente, a compressão das botinas.

No Paga, ao reser, todos se despertam de repente.

É como que uma reconciliação com a na-

se nos galhos favonitos trepadeiras que compõem festivas grinaldas para as nupcias vegetaes.

Voejam sobre essas fragrancias nuvens de abelhas silvestres, de tubibas e uruçis, que produzem um mel de esquisito sabor.

A massaranduba pendre de frutos vermelhos e o homem, mal agradecido, em vez de colher á altura esse modesto presente da estação, derriba a prodiga sapotacea, para maior facilidade da provisão.

Ninguém desestima a paisagem garrida e promettedora.

Em frente é o mar manso e acolhedor.

Nunca o surpreendi aos estrondos e contorções que, alhures, lhe aggravam o mysterio de violencias e odios espumantes.

Só lhe não perdoo a oportunidade que, de vez em vez, dá aos tubarões de virem á costa — esses monstros de voracidade que os francezes chamam *requin*, porque aos nadadores de quem elles se approximam se deve logo entoar o *requiem*.

Tudo nesse ambiente convida ao estado natural — não digo o de Adão e Eva, no paraiso, nem mesmo a aspiração de Rousseau — mas a uma vida alliviada das exigencias do luxo e da vaidade.

E todos despem, por gosto, os artificios da moda, por signal que chegam a tirar os calçados e as meias.

As brisas estouvadas, não satisfeitas com esse uso de saias curtas e gambias desnudas, ainda tomam certas liberdades de seu vazo anti-

Em Araruna



Solange ROSA SANTOS

luzes que offendem, nem, simão, a hospitalidade de suas praias.

A malta de luto de moças cambucis, cajeiras e outras arvores fructiferas que quasi desfructuam os olhos. Fica a poeira poeira de luto pelo exposto. O ar recorre, ora silen-

estabelecer uma familiaridade mais comunicativa. E, assim, realiza-se, da melhor vontade, um sonho de igualdade de pouca dura. As proprias melindrosas, do genero não-me-
confundem-se de vezes, pela singeleza de seus vestidos—não direi, por isso mesmo, com as oceanides ou nereidas—mas com as praeiras authenticas...

As outras praias, que estadeam aristocracias, torcem o nariz a essas transformações...

Mas, incontestavelmente, o contraste tem a virtude de dissipar as impressões fastidiosas e enervantes de uma vida reclusa em tantos meses de tedio. Para dormir á sesta acalentado pelas marulhadas; para espiar-se na areia e ficar resupino, com o luar na cara, ou ouvindo estrellas; para enfiar pelas deveras virentes atrás de flores agrestes; para escutar o passaredo livre a papear—para a fruição dessas delicias remoqueiras, que a cidade não liberaliza, é preciso viver ao natural.

Mas—que diabo!—se a doutora Gina Ferrero tivera vindo até cá, para dar dois dedos de conversa com o major Victorino, príncipe Obá do Poço, teria sido muito mais curiosa a historia da pulx penetrans... brasiliensis.

Chego a suspeitar que as praias rivais attribuem aquelle habito de andar descalço a uma necessidade imposta pelos maleficios do bicho de pé... Quanto mais se soubessem por onde, ordinariamente, as verminoses invadem o organismo humano!

Mas—quem diria?—esse damno ás plantas não impede que a praia de Nazareth (este nome não pegou pela birra das outras), que o Poço seja, na estação balnearia, o ponto onde mais se dança na Parahyba.

Foi ali que se introduziu ou se desenvolveu o coco, tendente a derramar-se por todo o Estado.

Essa dança popular é a que mais se ajusta á simpleza do meio. E entrou com um furor que attrae todos os sexos, idades e condições, em um nunca acabar de cantigas e movimentos.

Esquivo de meu natural a essas expansões, comprazia-me, entretanto, em observar, á parte, o folguedo sambar.

O coco, como se sabe, é originario de Alagoas, onde penetra em todos os salões. Mas não estou certo se é derivado dos negros ou dos indigenas. O samba, afirma Sylvio Romero, é de origem indigena. O batuque é africano. Tudo, e...fim, é uma variação do chiba ou da chula. Só o maxixe tem uma feição nacional propria.

O canto do coco é, communmente, monotono, com pequenos intervallos e pouca extensão, mas sempre excitativo. A poesia é que é uma lastima, em toda a sua variedade, sem o mais leve toque da inspiração e da graça das trovas populares. E' um documento do folk-lore para salientar a superioridade mental dos sertanejos sobre os praeiros, se é que esses modelos são de produção local.

São peores dos que os versos das chegadas, dos reisados, dos congos e das layeras. As poucas composições selvícolas que foram colligidas e traduzidas não são tambem tão grossas.

E' a poesia nos seus rudimentos. Tenho de cór alguns exemplos dessa ruindade:

Puxa o boi,
Mané, puxa o boi!
No pé da ladeira,
Mané, puxa o boi!

Pisa o milho,
Mané—Stou pisando.
—Enquanto tu pisas,
Eu vou penetrando.

E' desentexada e idiota.

Outro:

Essa noite
Peguei um duro,
Amarrei no pé do muro:
O duro está lá...
Tá! Tá!

E, tia... tá, tá!
Tia, minha neta,
Tá tá, tá,
Yôyá...

Este é de negro. Lembra o estribilho das layeras:

Indêrê, ré, ré,
Ai, Jesus de Nazareth.

Ou esse outro:

Candieiro... ô!
Está na mão de Yôyô!
Candieiro... ô!
Está na mão de Yôyô.

Estes sons inexpressivos são um recurso para a dificuldade da rima.

Eis outro coco do mesmo genero:

Olha a rosa amarela,
Rosá,
Tão bonita e tão bella,
Rosá!
Yôyô, meu lenço,
oh, Yôyô,
Para me enxugar,
Oh, Yôyô
Que essa despedida,
Oh, Yôyô,
Já me faz chorá,
Oh, Yôyô!

Ha outros de uma monotonia irritante, sem rimas nem nada:

O capim da lagôa
O veado comeu (bis)
Ai, o veado comeu (bis)
O capim, etc.

Ou este outro:

Eu quero vê levantá poeta,
Quero vê a poeta levantá
Eu quero vê queimá caivão,
Quero vê caivão queimá.

Mais n'a amostra:

A maré encheu
A maré vazou...
Os cabelos da morena
O riacho carregou.

Seria uma detestavel consabedoria se a musa

Tentam, ás vezes, alguma delicadeza de expressão:

Passarinho da lagôa,
Se tu queres avôá,
Avôá, avôá, avôá já!
O biquinho pelo chão,
As azinhas pelo á,
Avôá, avôá, avôá já!

Reponta, aqui e ali, a veia comica:

Companheiro, companheiro,
— Mineiro páo, mineiro... ô!
Não me deixe morrer só
— Mineiro páo, mineiro... ô!
Já levei faca de ponta
— Mineiro páo, mineiro... ô!
Cabo de chapéu de só
— Mineiro páo, mineiro... ô!...

Eis outro do mesmo feitio:

Por isso mesmo que eu me chamo
Gervôba,
Só como carne de cobra
Com furota de embuçá.

Engenho novo (tris)
Bota a roda p'ra rodá!

Por isso mesmo que eu me chamo
Ludgero,
Sou preto, porém não quero
Sua fia p'ra casá...

Engenho novo, etc.

Ainda:

La p'ra bandas do riacho
Tem um velho gaioleiro,
Quando vê moça bonita,
Faz guilela sem ponteiro.

Parece que essas composições são, em sua maioria, originaes da praia:

Peixe piaba tubarão,
Baleia e serra,
Vou-me embora desta terra
Vou tarrapear no mar.

On:

Meu barco é veleiro
Nus ondas do mar.
Vou-me embora, vou-me embora,
Tão cedo não venho cá,
Yôyô!...

E' essa a unica recreação dos veranistas do Poço. Em 1920 dançaram 30 noites a fio.

Formam-se rodas de 50 a mais pessoas e bate-se o coco durante horas esquecidas.

Uma figura obrigada é o Oliveira, o batedor do bombo. E' um quasimodo albino que associa á pericia de pescador essa mal compensada função.

E assim, cada qual sacode de sobre si os cuidados da vida em expansões que illudem a morbidez da raça.

Antes, reprochiava-se esse passa tempo; mas, afinal de contas, o coco vem ingressando na cidade, vem indo pela avenida João Machado e tem ares de querer forçar o proprio Clube Astrêa.

Não! seu ritmo, seus cantares, seu acompanhamento de bombos e caracaxás só têm graça na praia, entre a malta e o mar.

Na cidade seria um desastre!...

ACÊRCA DE UM LIVRO

Carlos de Mendonça, com a publicação de seu livro último—*O sport está deseducando a mocidade brasileira*, produziu uma grande e perdurável agitação no meio carioca.

Aliás, não sóe acontecer outra cousa ás produções do brilhante escriptor.

Esse facto se explica, muito plausivelmente, pelo fim a que visam as obras de Carlos de Mendonça.

Constituem, em geral, brados de rebate ou explosões de revolta, revelando uma combatividade que se não encontra no commum dos caracteres. Os mais dêstes preferem a postergação de seus direitos, num commodismo annullador da personalidade, ás pugnas pelo que se lhes deve; recohem-se, numa indiferença musulmana, ante o bem ou o mal, forrando-se á luta dignificante pela verdade ou pelo bem.

Ao revés disso, hajam vista, no caso vertente, *O que se ensina e o que se aprende nas Escolas de Direito do Brasil e Por que eu não recebi o premio «Machado Portella» de 1920*,—duas provas exuberantes do fino estylo moral de Carlos de Mendonça.

Esse feitio de caracter representa, nos Mendonças, uma tradição de familia, muito cara e muito grata a seus actuaes continuadores. Della são exemplos Lúcio de Mendonça, genitor de Carlos, Salvador de Mendonça, irmão de Lúcio, e Edgar de Mendonça, irmão de Carlos,—todos notaveis pensadores e homens de tẽmpera austera e combativa, cuja máxima é o pensamento de Euclides da Cunha: «Muitos talvez não comprehendam que, numa época de cerrado utilitarismo, ninguém se demorasse um tanto a

dição prãtica, positiva e utilitária da Vida, que é o aformosea-la».

Esse quilate é que se nos patenteia precipuamente no livro a que nos referimos.



CARLOS DE MENDONÇA

Mas, não foi só isso que determinou a grande e perdurável agitação, num meio já de si agitado e onde, para que perdurem, é mester serem profundas as agitações.

Tenta-se de um ataque ao esporte,—ou melhor—á esportorrhã, á esportomania,—e isso explica a sensação.

A esportomania tem, no Rio, uma generalização completa.

Não dizemos bem a esportomania: antes se diga o foot-ballismo ou o futebolismo, o pãbolismo, o ludopedismo, o ballipodismo.

A victória de um *team* importa mais que a de uma eleição.

A constituição de um *scratch* é mais discutida que a da Câmara Federal.

Um *forward dribleur* tem mais prestígio e honrarias—principalmente nas rodas femininas—que um diplomata nas rodas officiaes.

Vasar um *goal*, defender bem uma barra num *match* de campeonato, ser um bom *Keeper*—são cousas de mais repercussão e maior effeito moral que a publicação de um bom livro.

Num ambiente desses, fanatizado, idólatra, não se distingue bem o que seja esporte, o que signifique cultura physica—do que constitua a esportomania, do que represente a esportorrhã, o esporte omnisciente, onnipotente, omnisufficiente.

Nessa confusão, viu-se no livro de Carlos de Mendonça um verdadeiro sacrilégio, um verdadeiro crime de lesa-majestade...

Desconheceu-se-lhe a boa intenção de servir a mocidade brasileira, orientando-a para um futuro util e radioso.

Mas os espãritos ponderados aqui-lataram o exacto valor da obra e de sua corroboração bem documentada e preciosa. Deram-lhe o devido apreço e agradeceram-lhe o bem que almeja fazer á juventude nacional e o amor que significa ao futuro da Pátria.

Além do mais, para nós, esse livro tem um grande valor: a revelação de um estheta possante, vibrando, nas agitações da alma para o Verdadeiro e, dess'arte, para o Bello, pois este é o esplendor daquelle, na phrase clássica de Platão,—por entre o ardor do combate a que o impeliu essa mesma Belleza, pelo amor da Verdade.

JOÃO DA MATTA

PHARMACIA CONFIANÇA

DE

TERTULINO C. DA MATTA

dar a mais viva prova
De afeição purificada
Pelos bichões de ERA NOVA.

De minha parte, leitores;
São cousas originaes,
Bem proprias dos borradores.

Lembrei-me dum *Tribuná*...
Cuidado rapazeada,
Que o assumpto é *Fedirá*...

ERA NOVA

QUINZENA RIMADA

Sem risos nem brincadeira,
Numa attitude feliz,
Venho occupar a cadeira
Do valente X. de X.

Fazer quizenza rimada
E' dar a mais viva prova
De afeição purificada
Pelos bichões de ERA NOVA.

Quem canta vultos e fatos
Com geito, pericia e verve,
Tem que fazer bons retratos;
Pois do contrario não serve.

Seja bonito ou feioso,
Capitão ou coronel,
Tem que *gemer* no *dengoso*
Retoque do meu pincel.

De tudo direi um tanto,
Em linhas bem caprichosas,
Reservando para um canto
Tão somente as *melindrosas*...

Ergamos o reposteiro:
Vejam, que immenso poder!
Concentrar o mundo inteiro
Num pequeno *atelier*!...

A minha musa não mofa
De gente que causa dó:
—Por cima tanta farofa,
Por baixo *mulambo* só.

Fazer a quizenza em rima
Sem ter assumpto — é medonho!
Vou, de certo, noutro clima,
Cantar o que vejo em sonho.

E' forte tortura extrema,
Funda agonia infinita,
Ver — Parahyba — um Cinema,
Que apenas mostra uma fita!

Todavia, bem catada,
A cousa póde espinhar...
Vou dar principio á jornada,
E a musa vae começar:

Esta quizenza está lisa;
Nada tenho que dizer...
E' que o Zéro symboliza.
Tudo que tenho a escrever!

Isto é modestia de mais
De minha parte, leitores;
São cousas originaes,
Bem proprias dos borradores.

Nestes longos quinze dias
Falou-se em aeroplano,
E em sonoras poesias,
De estylo *parnasiano*...

Vejo ainda muita gente,
Entregue ao rijo escarcão,
Fitando, piedosamente,
A concha azulea do céu,

Para ver o Aeroplano
Que vem la de Portugal,
O voador Lusitano,
Velho amigo de Cabral;

Para ver o tal «Balão»
Caso não haja um fracasso,
Gente que fitava o chão
Agora só fita o espaço!

Há gente até pela terra,
Que diz numa voz estranha:
O Balão vem para a guerra
Do doutor Nilo Peçanha...

Agora, alegres... falemos
Das escolas brasileiras.
Cheios de amor, escutemos
As altas canções guerreiras;

Hoje as creanças de escola
Já não são alinas profanas,
Pois vão tirar da cachola
Cantigas *parnasianas*...

Bravas canções entoadas
Num tom sonoro e cheio,
Pelas creanças firmadas,
No barulho do recreio...

Por um decreto, portanto,
O *Folk-lore* infantil
Vae ser atirado a um canto
Para honra do Brasil.

Falando em honra, negrada,
Lembrei-me dum *Tribuná*...
Cuidado rapazeada,
Que o assumpto é *Fedirá*...

«Passou-se a semana santa,
(Hontem me disse a priminha)
Ai quanta saudade, quanta,
De um judas almofadinha!

A minha grande ventura
Nesta vida triste e porca,
E' ver que a linda figura
Do meu Judas não se enforca!

Mas se dentre as «trevas mudas»
Nalgum tremendo penhasco,
Tentarem matar meu Judas,
Enforcarei seu carrasco!

E em versos de suave rima,
Numa cantata subtil,
Tranquillizei minha prima
Saudavelmente gentil.

E lhe disse, em voz maviosa:
Se não ha enforcação,
Serei tambem, flor mimosa,
Teu Judas Almofadão.

Mas não! A linda priminha
Quer, para eterna ventura,
Um Judas Almofadinha,
De palitot de cintura!

Basta, leitor. Na quizenza
Futura, falarei mais...
A Parahyba pequena
Tem coisas originaes!

Rima, daqui não te escapes!
Pois do contrario escorrêgo!
Quebrou-se a ponta do lapis,
...E o canivete está cego!...

CONTO DA QUINZENA

O AVÔ BONIFACIO

de CARLOS D. FERNANDES

Não se fizera por amor o casamento de Eunice. A sua graça commum de rapariga burguesa, a sua vivacidade, que parecia intelligencia, o seu bem succedido curso na Escola Normal, o seu nome de familia, haviam-lhe granjeado varios namoros, entre os quaes foi preferido o do Juca Lacerda, moço gordalhuto, mas bons havres, boa conducta e um titulo de agrimensor.

Quando os jornaes da terra noticiaram os encontros, correu um sussurro de despeito entre as meninas casadoiras. Sómente a aggressão melle Barroso, que no frescor dos seus 42 annos se fizera feminista, evoluindo renhidamente em megera, ao commentar o ruidoso negocio, numa roda de amigas, dissera escarmentoso:

—Não lhe invejo a sorte. Casar com um morphetico? Tem bom gosto.

Passaram três breves annos, casou-se Eunice e foi morar no seu palacete, todo rodeado de jasmims, ao centro de um enorme jardim.

Que bellos os fugazes dias da lua de mel; que delectosa a posse daquellas boas cousas, que lhe confortavam a existencia, nos seus salões, no seu claro dormitorio, na sua farta mesa, na sua dispensa. E tudo aquillo lhe viera da mão do Lacerda, que, embora fosse um tanto tonto de modos e bronco de intelligencia, não estava despesas, gostava de passar bem, de viver no luxo.

Sahida de uma relativa pobreza, que o deus dissimulava, Eunice saturou-se em breve da farta abundancia, que lhe dera o marido e entrou a comparal-o com os outros rapazes amadores, do seu tempo de solteira.

Só então reparou nas feições bovinas do Juca, nas suas gordas mãos de sapo, no escurecimento da sua cutis, na tumescencia dos lobulos das suas orelhas, na opacidade do seu espirito.

Já não sentia pelo seu lar o mesmo contentamento. Escapava, quando podia, para a casa materna, onde a convivencia dos irmãos, relembrando-lhe os doces tempos da infancia, a fazia esquecer os seus desgostos de recém-casada. A mãe, notando-lhe a impropria tristeza e a frequencia das visitas, perguntou-lhe uma cer-

tu eras tão alegre, tão viva, e de subito mudaste?!

A moça ficou muito encolada, como se lhe descobrissem o seu segredo, fugindo com evasivas á syndicancia materna:

—Ora esta! Então mamãe acha-me triste? Eu sou a mesma de sempre. E que a gente, ás vezes, tem mau humor, aborrecimentos...

—Então, menina, tu te aborreces? Por que? Uma creança na flor da idade, a quem nada

quitta; socegue; deixe soffrer, sósinha, a sua pobre Eunice.

—Oh! filha, tu tens vergonha de tua mãe? Achas-me capaz de te humilhar, de descobrir os teus segredos? Se commetteste uma infamia, o que eu não acredito, é a mim, primeiramente a mim que me deves contar. Ninguém te daria o perdão com mais amor, com mais ternura, com mais indulgencia.

A consciencia me diz que é tão feio, tão negro o meu erro, tão vil a minha conducta, que não tenho animo de confessar.

—Menina, não me alarmes com os teus mysterios. Desembucha, de uma vez: tu enganas o teu marido?

—Não, mãe, não faça de mim esse mau juizo. Não o amo; detesto-o; tenho-lhe asco; o que é muito peor.

—Ora, Ninice, esse negocio de amor vem com o tempo. Se é por isso, menina, não te ralas. Eu tambem, a principio, não gostava de teu paé. Mas rolaram os annos, fomos-nos conhecendo melhor, vieram os filhos, e nós nos accommodámos como tu vês.

—Ah! mãe, é justamente por isso, pelos filhos que me exaspero.

—Por ora não penses nisso que é muito cedo, Ninice.

—Já é tarde, tarde demais, contraveiu a lamentosa confidente.

Então, vae-me dar um neto, volvem Gertrudes, illuminando-se de um claro sorriso.

—Infelizmente, um pequeno morphetico, ainda por este anno.

Oh! creatura, não digas asneiras; olha um castigo de Deus.

—Sim, já chegou o castigo; mais cedo do que eu pensava. O Juca está perdido; começa a putrefazer-se. Nesses dois mezes que esteve fóra, cresceram-lhe horivelmente as orelhas, os beiços estão inchados, o medico desenganou-o.

—Oh! menina, isto é possível? Assim, de repente, não será impressão tua, suspeita de teu marido, temendo a herança do paé?

—E' mesmo; é a terrivel herança irremediavel. Volvem do Rio, desilludido, inteiramente mudado. Agora, quer-me sempre ao pé de si e

A VIDA EM FLOR



Geraldo, filho do sr. Abilio Bezerra, negociante em S. Cruz, Rio Grande do Norte.

lhe falta; muito bem casada, com um marido que a idolatra?!. Nem digas isto, que pôde Deus castigá-te.

—Ah! castigada e bem castigada já estou eu, exclamou Eunice, cobrindo com as mãos ambas a chorosa face.

—Mas castigada, por que? explica-te, minha filha, atallou d. Gertrudes, atalhando para si a jovem esposa, que soluçava, nervosamente. Conta-me tudo: o teu marido despesa-te, maltrata-te; já te não quer bem? Dize-me, se franca com tua mãe.

—Sim, quer-me muito bem, ao seu modo;

ERA NOVA

morphético; o seu beijo; a sua carícia; o seu amor. E' indescriptivel o que se passa no meu ser, quando esse homem me abraça e me diz ternuras com a sua bocca de monstro, donde se escapa, com o fremito da volúpia, um halito pestilente de morte.

—Separa-te, Ninice, por amor de ti, do teu filhinho, que não tem culpa de nascer.

—Sim, não tem culpa; a culpa é nossa: minha e da mãe, que me não abriu os olhos, naquelle instante de cegueira. Foi o interesse, o vil interesse, que me perdeu. Jamais gostei de Lacerda; sempre o achei antipathico e a-brutalhado; mas vocês, todos vocês me impeliram para elle, achando que era «um optimo partido, que me chegava. Eu provava por elle uma instinctiva repugnancia; não lhe conhecia os antecedentes de familia, não cogitava da morphêa, escondida, entranhada na sua forte apparencia de juventude. Vocês sabiam tudo; não me disseram; foram cruéis; ultimou, num transe de lagrimas, a affligida senhora.

—Tratava-se do teu futuro, filha; era preciso apparentar confiança; esconder as nossas apprehensões. Mentimos para te acautelar da pobreza; dar-te um nome e uma posição na sociedade.

—E trouxeram-me a ruina da vida, o supplicio de uma coexistência abominavel, que me enche de horror e todos os dias me apresenta sob novos aspectos a negrura do meu infortunio. Antes me houvessem deixado ficar «lã», rabufenta e ranzinza, com os meus galos e o meu rosario. Ao menos estaria de sangue limpo e não teria nas entranhas este fructo corrompido. Oh! mãe, como você foi madrastra com a sua Eunice!

—Filha, não me atormentes. Ainda não sabes o que é ser mãe. Quando nascer o teu filho, serás a primeira a acreditar-o sadio, embora o saibas com a lepra fatal. Tudo farás pelo seu bom destino, na cegueira materna de o encaminhar. Foi por esse imperativo instinctivo que te fizemos casar, confiando que Deus te resguardasse do funesto contagio. Mas Deus não nos quiz ouvir; ficou surdo às nossas supplicas; que havemos nós de fazer? Mas ainda é tempo de te salvares: abandona o teu marido e vem morar connosco, que te havemos de proteger, havemos de te curar, havemos de te remir.

—Mãe, eu não mereceria o seu affecto e a sua benção, se não soubesse soffrer. Além disso, herdei de papae a coragem das resoluções.

Cumpre-me, pois ser coherente na minha tragica desventura. Hei de ficar ao lado de Juca, assistindo, serena á sua putrefacção. Fin, já contaminada, irei apodrecendo também; o

pedir que poupemos ao pae, ao menos por alguns dias, o horror desta revelação. Coitado! pobre cardíaco, morreria de dôr por mim.

—Então? Vocês por aqui, conspirando, em segredo? disse com bonhomia o velho Bonifacio, surpreendendo a mulher e a filha, na sala de visitas, onde se haviam encerrado; e notando vestigios de lagrimas na sua adorada Eunice, indagou:—então fazes chorar o nosso archanjo, perdeste a bolla, mulher?

—Ora, imagina tu por que é? Dou-te uma prenda, se adivinhares, replicou, limpando os olhos, a commovida matrona.

—Não, não adivinho; conta-me logo; deixa-te de charadas commigo, redarguiu Bonifacio, tomando nos braços a sua cara primogenita.

—Pois ouve lá, abelhudo: Ninice vai dar-te um neto.

O velho empallideceu como se o tomasse uma commoção violenta. Apertou muito no collo a chorosa filha e murmurou entre dentes, com um fio de voz entrecortada:

—O... ra, ali... na... ti... ve... um... ne... to. Mor... ro fe... liz por... que me fi... zes... te... a... vò.

HOSPITAL "OSWALDO CRUZ"

NOTAVEL EMPREHENDIMENTO DO SERVIÇO DE PROPHYLAXIA RURAL

Desde os prodromos da administração do dr. Accacio Pires no Serviço de Prophylaxia Rural neste Estado grande tem sido o numero de inestimaveis beneficios dispensados á nossa terra.

O actual chefe desse importante departamento da Saúde Publica do paiz, na Parahyba, de ha muito que se impoz á consideração, acatamento e merecido apreço de todas as nossas classes sociaes, pelo muito que vem fazendo em prol do saneamento deste Estado.

Até agora, dos innumeros serviços prophylaticos tão sollicitamente prestados pelo dr. Accacio Pires á Parahyba, taes como a instituição de postos sanitarios em diversos municipios do interior, o já bem iniciado saneamento de Tambaú e o Serviço de Prophylaxia ás Molestias Venereas, o que mais se salienta é a recente inauguração do hospital «Oswaldo Cruz», verificada no dia 21 de abril proximo passado, nesta capital, com a presença do que de mais distincto e selecto possui a sociedade patricia.

Com uma verba relativamente pequena, conseguiu o illustre hygienista emprehender e concluir, num espaço de tempo bem limitado, a construção do novo hospital patrocinado pelo notavel scientista brasileiro Oswaldo Cruz, que ergueu tão alto o nome da medicina nacional.

A construção do referido hospital obedeceu á planta feita pelo dr. Accacio Pires, achando-se o mesmo optimamente acabado, e com as installações imprescindiveis ao bom funcionamento das suas dependencias.

O hospital «Oswaldo Cruz» está sob a criteriosa direcção do dr. Flavio Marôja, auxiliado pelos jovens e illustres facultativos drs. Elpidio de Almeida e Genival Londres, com bastante pratica nos melhores hospitaes e casas de saúde do Rio de Janeiro.

«Era Nova» felicita o dr. Accacio Pires pelo feliz exito que vem de alcançar com tanto labor, carinho e abnegação com a inauguração do hospital «Oswaldo Cruz», que é incontestavelmente um dos melhores do paiz.

...pois eminente senador Barão de Lucena.
Nessa nova tenda de trabalho fui encontrar
companheiros valentes e ardorosos, como Tu-

...o meu amigo masculino e dental.

ERA NOVA

VIDA DE IMPRENSA

ABEL DA SILVA

XI

Para Carlos D. Fernandes

Deixando a redacção do *Jornal Pequeno* pelos motivos já expostos, fui, poucos dias após, convidado para entrar na redacção do *Correio do Recife*, órgão dirigido pelo dr. Julio Maciel e dedicado ao partido político chefiado pelo eminente senador Barão de Lucena.

Nessa nova tenda de trabalho fui encontrar companheiros valentes e ardorosos, como Turiano Campello, Mario Mello e o illustre mestre de Direito, dr. Netto Campello, cathedra da Faculdade do Recife.

Sentia-me bem allí: respirava quasi o mesmo ambiente da *Provincia* e do *Jornal Pequeno*; pois os três, juntos, faziam, a esse tempo, a mais ferrenha opposição ao conselheiro Rosa e Silva.

No *Correio do Recife* minha actividade teve de se desdobrar porque, não raro, os companheiros, occupados em outros mestres da vida publica, me deixavam um pouco sobrecarregado de serviço. Mas todos elles eram homens promptos para as luctas ou polemicas e, si acesos do escriptorio redaccional, não por isso deixavam de collaborar com substanciaes contribuições para aquelle prestigio e aquella enorme sympathia de que justamente se ufanava a grande lucenista.

Muitos e muitos foram os embates travados com os jornaes situacionistas que, embalsamados pelo desassombro e civismo com que nos esganiavam, appellaram para o vandalismo, mandando empastellar as officinas do *Correio do Recife*.

Nunca, talvez, em Pernambuco, se fizera, até então, uma opposição de tanta energia e tenacidade: era, diariamente, uma dura e candente analyse dos actos do governo, cujos erros versemos com o maximo de critica possível, sem limites da decencia e nos termos honestos do vocabulario.

O barão de Lucena entendeu—, bem o entendeu,—apresentar candidato á deputação federal, pela minoria, o dr. Virgínio Marques, um talentos juridicos e cuja dedicação particular se impunham á bemplacencia do velho senista que possuia, sobretudo, um requisito indispensavel no politico: a noção de resistencia e de tenacidade.

Que foi esse pleito—está nos annaes da imprensa pernambucana: Virgínio Marques lutava contra dois adversarios poderosos—Simões Barbosa, protegido pelo rodizio opposicionista, e José Mariano, esse José Mariano cujo nome se não apagará jamais na alma pura de Pernambuco.

tura de Virgínio Marques, candidatura que vinha quebrar, como um golpe de audacia, a continuidade despotica e perpetuante do rosismo insaciavel.

Perido o pleito, Virgínio Marques foi reconhecido: exultas alegrias invadiram a alou do *Correio do Recife*, cujos operarios até se entusiasmavam com a noticia.

A folha precisou de um artigo masculino e

pelos columnas de um dos jornaes da terra.

O *Correio do Recife*, replicou e o dr. Simões Barbosa escondeu-se na sombra de sua própria derrota: Virgínio Marques foi reconhecido deputado federal, com extremo gaudio do partido lucenista que fez uma ruidosa manifestação de apreço por occasião do regresso de seu illustre mandatario ao Congresso Federal.

TIMEAÚBA



Então, cada o celebre handoleiro Antonio Silvino se refugiou por diversas vezes.

energico, em desses trabalhos que não deseminamos, em gyrta do gabinete—um artigo a fogo.

E eu fui, pobre de mim! o escolhido para escrever esse artigo. E tive de o fazer.

Quando subiu das officinas a prova para o escriptorio da redacção, estava presente o Turiano Campello, sobrinho affim do dr. Simões Barbosa. Eu, por sinceridade de collegueismo, disse:

—Olhe, Turiano, o artigo de fogo.

Depois de passada leitura, o Turiano disse-me:

Está muito bom: mas dá uma ligeira noticia, dizendo que tu, por encanamento de saúde, tenho deixado de comparecer ao escriptorio por alguns dias.

Perfeitamente—respondi—são o artigo e são a noticia.

E lá se foram ambos, artigo e noticia, correr o mundo da publicidade.

Foi esse—sem duvida alguma—o primeiro golpe vibrado contra o bojo formidavel do rosismo que empolgara Pernambuco.

... Por motivos varios—entre elles uma questão de interesse pessoal—tive de dividir minha actividade: fundava-se a *“Gazeta do Norte”*, e eu accitei, sob constantes convites, o lugar de redactor-secretario da nova folha.

A paixão da leitura é a mais innocente, apreziavel, e a menos dispendiosa.

NELSON DE QUEIROZ CARREIRA

Cirurgião Dentista

Executa, com cuidado e correção, os mestres concernentes á sua profissão.

Consultorio: PRAÇA PEDRO AMÉRICO, 75.

Sahiu
Jacob
E... só
Fugiu

Do paterno
Bom abrigo,
Seio amigo;
Do materno

Conselho dado,
E de um bastão
Que leva á mão
Munido. Ao lado

Vae seu anjo amigo.
Seguindo um caminho,
Dá certo em o ninho
De quem tem consigo

Muito estreita afinidade,
De Rebecca o amigo-irmão,
Que é seu parente—Labão,
Donde elle á posteridade

Legou exemplo—o mais bello
Que já se viu sôbre o mundo
De amor excelso, e profundo
Que o cultivou com desvelo.

E, sete annos depois de grã porfia,
As terras de Labão, no duro amanho,
No apascentar dos animaes, rebanho,
Jacob sem que pretenda, espôsa Lia.

Como fôra logrado em seu desejo ardente,
Pelas do tio astúcia e argúta perspicácia,
Querendo o seu anho inda tenh' efficacia,
Sete annos mais trabalha, e vigorosamente,

Qual si, Jacob, sorvára o mais gostoso mel,
Que não travoso fêl de uma tal decepção.
Conforma-se, por fim, e alcança a nivea mão
Da que sempre elle amou—a mimosa Rachel.

Fazem-no abandonar dos pais a companhia,
Receios de Esaú que, em odios inflammado,
Mata-lo quer, por ter o mesmo lhe roubado
A benção paterna que a si lhe competia.

Exhausto de cansaço, em meio da jornada,
Ao relento se deita; e faz-se adormecer;
Recostando a cabeça a ponto de pender
Em a pedra que, alli, encontrára postada.

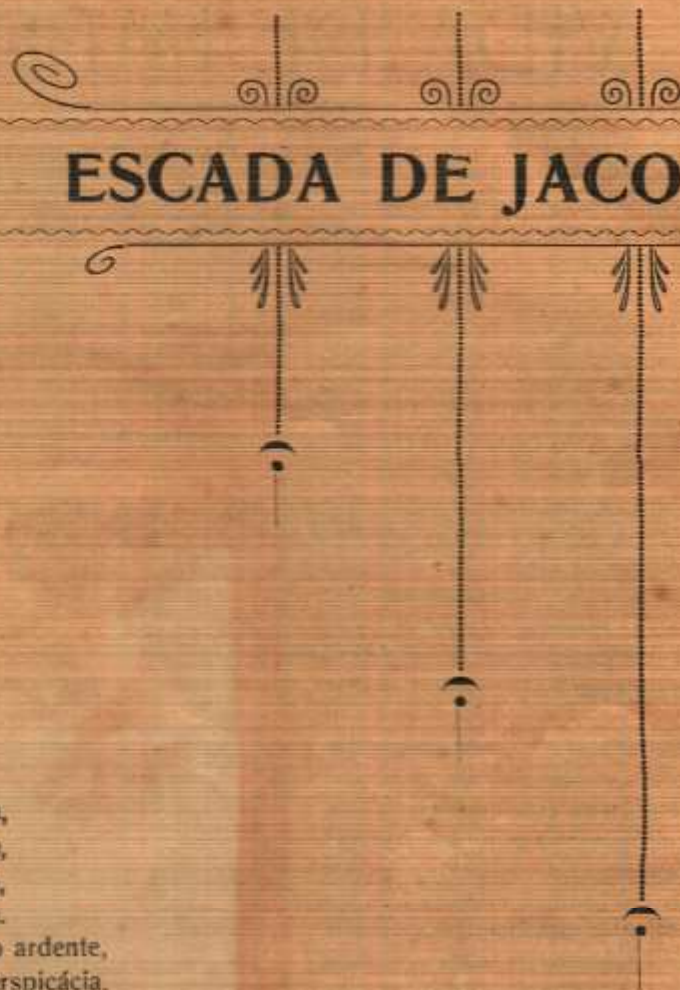
Dormindo, sonha estar vendo uma grande escada
Que extremidades tem na terra e, lá, nos céos;
No patareú da qual se assenta o Senhor Deus.
E a mesma, em sonhos, viu por anjos assaltada.

E Deus lhe fala assim: EU, sou Deus e Senhor
De Isaac e de Abranhão. A ti e á descendencia
A terra em que te vãs. EU dou, de preferencia.
E os descendentes teus não ter grande valor!

Em numero, primeiro; o qual farei infindo.
Dos póvos desta terra, um, EU, abençoarei.
E aonde quer que vãs, a ti, proteger-t'ei.
E has de voltar aqui, ainda; mas sorrindo.

De um santo horror tomado, acorda... e se levanta.
E diz que o Deus dos Paes morava alli.. Terrível

ESCADA DE JACOB



ERA NOVA

MANGUE

Para Povina Cavalcanti

*Se mangue, por certo de uma civilização,
mas silêncio, e um polêmico facto do ter-*

*Simbólico, repêlido de uma região que se
uma verdade estéril para qualquer
uma vegetação, e mostra, appare-
mente inegável, recusa de vida e de ri-
tualidade. Triste e alta feita sob o theo-
retico e pânico apêlido do todo e do
desconhecido.*

MORENO BRANDÃO

*Como se nasce plátano ou cavvalho,
Se, meu mangue no meu patrio solo,
Desempenha alicerce em meu lavour um galho,
Tudo reza de alicerce atolo.*

*Seus são glorias, eu apenas valho
Que mechedo humilimo que rolo:
Seu campo, para o meu trabalho,
Seu-me de ribas deste meu Pactolo...*

*Seus que os outros sejam leito e altar,
Seus gullas, como grato às gentes,
Seus a fronte dos que vão cosar;*

*Seu o meu goso, quero ser raiz,
Se pulso toco, distribuir sementes,
Compartir solo para o meu Paiz.*

JORGE DE LIMA

MERCEARIA MODELO

Os srs. Pereira Almeida & C., ope-
ramos commerciantes desta praça, fun-
dam nesta capital uma mercearia
que se acha, para mais de um mez,
aberta para servir a sua clientela.

Pela impressão que nos ficou da
visita que fizemos á Mercearia Mode-
lo, podemos felicitar aos srs. Pereira
Almeida e ao gerente do novo esta-
belecimento sr. Francisco Faustino,
cuja capacidade de trabalho e fino
commercial vão lhe dando grande im-
pulso.

As crianças indígenas no Chile

A «Sociedade Protectora de Indigenas de
Chile», foi fundada ha alguns annos aiaz
do legado deixado pela senhora Isabel
de Irarrásvil. Possui actualmente mais
de 20 escolas para ambos os sexos e cerca de
50 missões espalhadas pelas diferentes pro-
vincias em que vivem os indigenas. As crian-
ças são ensinadas a ler e a escrever e prepa-
radas para as escolas mais adiantadas, das
quaes a Sociedade pôde mandal-as para as
escolas normaes ou secundarias, ou então co-
local-as nos departamentos profissionais, que
são os estabelecimentos principaes. As
crianças mais importantes são Villarrica, Padre
Las Casas e Boroa. A secção de rapazes é di-
rigida por monges capuchinhos allemães e
os franciscanos, ao passo que as meninas

O SEGREDO DA PROFISSÃO

Qualquer que seja o meio de vida
de um individuo, qualquer que seja
a sua occupação quotidiana de que
tira os proventos indispensaveis para
sua manutenção, tudo isto, em summa,



DR. JOSÉ MACIEL

qualidade peculiar a cada individuo,
manifestando-se no modo de exercer
a sua actividade.

O conhecimento profundo e sen-
sato do modo de saber exercer a pro-
fissão, seja ella qual fôr, se me afi-
gura o verdadeiro segredo profissio-
nal, não obstante, não ser esta a si-
gnificação que se lhe dá, em geral;
mas a não revelação do que se passa
dentro da esphera de acção do exer-
cício e conducta profissionaes.

Para mim, conhecer bem o officio,
a arte de que vive o individuo, isto
é, ter melhor do que qualquer outro
a intuição exacta, o fino, a argucia, a
compreensão feliz daquillo de que
se occupa, daquillo em que trabalha,
é ser senhor dos actos de sua vida,
do segredo de sua profissão, enfim.

O medico, dizia o inolvidavel pro-
fessor de clinica propedeutica, que foi
Francisco de Castro, deve possuir mais
um sentido, além dos que possuem
todos os homens, e que era, na sua
douta comprehensão, o tino medico.

De facto, para que se seja bom
medico, é mister que o portador deste
nome tenha, além do mais, a verdadei-
ra intuição do que Francisco de Castro,
o eloquente professor que foi uma
das glorias da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro, senão da medicina
brasileira, chamava tino medico.

O tino medico é, pois, esta maneira
especial ou peculiar de saber interpretar
exactamente a verdade dos symptomas,
na elucidação do diagnostico.

Não é esta especie de advinhação,
a que se arrojam muitos, por mero
palpi e, muitas vezes, a fim de formu-
larem o seu laudo, se: o conhecimento
exacto dos signaes interpretados, sem
esta orientação sensata, a que o grande
sabio denominava tino medico.

E' a isto, a este outro sentido que
se deve chamar o segredo da pro-
fissão e que deve presidir aos conhe-
cimentos da mesma, sob qualquer
modalidade, desde a profissão mais
humilde a de mais alta categoria.

constitue o que se chama na lingua-
gem popular a profissão.

Seja qual for a profissão, na qual
o individuo exerce a sua actividade,
deve elle emendar esforços no sentido
de sondar, penetrar, penetrar mesmo
as suas mais profundas particulari-
dades; estudar, analysar minuciosa-
mente seus segredos, conhecê-los,
perfeitamente.

E', pois, o segredo da profissão o
pivô do relógio da vida em sua ex-
teriorização, se assim me posso ex-
primir, em relação aos meios de sub-
sistência, no tocante ao que se prende
intimamente á vida vegetativa, á vida
visceral, propriamente dita.

Diz-se que a alma do negocio é o
segredo, e eu diria que o segredo é
a alma da profissão — não tem materia,
é intransferivel, nasce e morre com o

PASSIONARIA

Era uma linda noite d'agosto!

Agosto! Ah! o encanto d'agosto!

Quem não n'ó sentiu ainda no esplendor das suas manhãs loiras como searas a amadurecerem no fogo ustório das suas tardes ensolaradas, magnificas, relumbrantes, illuminando o céu e a terra de uma gloria pagã, accendendo a natureza em festa, abrazando, achorando almas?! Quem não n'ó sentiu ainda na rubescencia dos seus crepusculos de sangue em agónias delirantes, com o seu grande sol a succumbir, manso e manso, em desespero, resistindo, como si não quizesse morrer?! E quem não n'ó sentiu ainda na doçura morna e macia das suas noites de luar de ballada, sempre impregnadas do aroma sentimental dos medievos tempos trovadorescos das serenadas, á musica das mandorras gementes?!

Agosto! o teu céu de luar ou d'estrellas, o teu encanto, a tua poesia, toda a tua belleza, quem não n'a sentiu ainda?!

Era uma linda noite d'agosto!

No céu, sobre um fundo negro, a *via-lactes* alvejava semeada d'estrellas que palpitavam como rosas d'ouro espalhadas a fluxe pela branca estrada de São-Thiago.

Cada pequenino astro tremeluzia, no alto, com o mesmo incessante offego de corações inquietos.

Corria pela terra, alado e subtil, caricioso, envolvente, um perfume silvestre de rosas apendoadas desatando. Todas as coisas repousavam numa paz dormienta de quietude e sossego. Toda a natureza estava parada, dormindo em dulcedão e silencio. Não se ouvia uma voz, um murmulho, um fremito, um soldo. E assim era, aquella hora, naquella recanto de jardim solitario mais cheio da uma olencia suavissima d' idyllos castos que mesmo do cheiro das flores que eram a sua graça e a sua vida: rosas e manacás, lyrios e tuberosas, e, lindas, mas inodoras e tão maisinadas, as hydranjas em cachos, com os seus aljofares cereuleos! Uma grande lua magnifica, como um broquel de prata polida fulgurando, vinha erguendo-se agora serena, magestosa, derramando no horto refracções d'opala, através do arvoredo. Com cêdo, os pequeninos filões de luar cresceram, alargaram-se em ondas e todo o jardim se illuminou, sempre adormecido em mudez.

Mas, dahi a pouco, as flores deste rechêo idyllico e as rosas d'ouro do céu, só ellas presentiam ali duas almas perdidas num encantado enlêvo, como numa scena graciosa de balcão, á luz do plenilunio. E a voz côlea de uma aura leve e redolente foi murmurando além esta exaltação que se desprendia de uma

Amo-te, Maria Clara! Tu me amas? O tu mesmo não o sabes, nunca amaste! E's ainda fôr a entreabir, corolla a desatar para o deslumbamento da vida.

O sopro crestante das paixões ainda não passam por ti... O teu primeiro pensamento, o teu primeiro desejo será meu no teu primeiro beijo. Olha-me, Maria Clara, derrama dentro em mim todo este mago phyltro dos teus grandes olhos negros... Ama-me! Tu nunca amaste? O' escuta agora o teu coração! O amor vivia em ti apenas em vagos anseios, nas inquietudes da tua almazinha, nos fremitos da tua mocidade a expluir em perfume e seiva!

teu amor. Refugio-me nelle, delle e para elle viverei. Fascinas-me, absorves a minha vida, todo o meu ser... Eras tu que fallavas... Mesmo o pobre dom Juan, aquelle incomprehendido espadachim de Sevilha, cujo adoravel desvario é o mais perfeito symbolo da alma eternamente inquieta e sonhadora do homem, á busca do ideal, mesmo dom Juan nunca foi vil! Faltou-lhe a elle a encarnação humana integral do seu alto anseio de belleza! Pobre dom Juan... Querias que eu nunca houvesse vibrado a tantas emoções, que nunca... O' Maria Clara, essas sensações passam pela alma do homem como a asa regea do passaro corta

A PEDRA

Do Dr. Pedro Bartholo

Aquella pedra muda, erguida no deserto,
De areias circulada, olhando o céu distante,
E' uma Esphyngue que surge em frente ao viandante
Na immobil expressão de um segredo encoberto.

Talvez que noutro tempo, essa rocha gigante
Dêsse agasalho e sombra ao viajor incerto,
E os passaros gazis adejassem-lhe perto,
Num louco esvoaçar alegre e tatalante...

Nesse tempo, vivia altivo castanheiro
Junto á rocha enlaçado, — era o affecto primeiro
Da pedra. Mas um dia, homens mãos, a cantar,

Derribaram sem dó o castanheiro amado.

A pedra, desde então, fita o céu azulado
E sente a Dor cruel de não poder chorar!

Emygdio de Miranda

Ouve agora! E' uma flamma a arder, crescendo, apoderando-se de ti, é já um desejo corporeo, sou eu que vivo na tua alma, Maria Clara! Amo-te! E's uma rosada manhã de primavera cheia de sol, cheia de luz, a nascer. Nasces para o amor, que é a vida. Resumbras todo o feitiço e todo o encanto virgens de uma região nova cheia de mysterios!

O claror vivificante do amor, sol das almas, alma dos corações, vai entrá-la, accendê-la em êstos, chama-la á vida, illuminando-a do grande sol da vida! Vive Maria Clara! Comunga a tua primeira hostia nesta linda religião. Recebe a tua iniciação neste mysterio deslumbador e se a sacerdotiza da minh'alma! Ama-me, Maria Clara! O teu amor perlava-me o coração de todos os sentimentos vulgares. Tive-os na minha volubilidade da borboleta o andêja a voar, a voar, sempre estonteado, incontestado... Não. Perdôa. Não as tive... Foi o meu destino fatal...

o espaço azul sem o manchar... Não é assim quanto á mulher! Ah! eu não amei, mas tive um sentimento forte, apenas persegui e ansiei um grande amor que só em ti encontrei, na tua alma de privilegio, não ten amor d'cepção! Fosse a Única.

Procurei, em vão, fôr de ti, a luminosa, completa synthese humana do meu atormentado ideal de homem e d'artista, de tudo o que sonhei, de tudo o que ambicionei. Que-ro-te pela tua belleza humana e pelo teu fascínio espiritual. E's linda e és perfeita, na plastica musical da tua graça leve, delicada d'estatuetta de Boticille, nos tenros rosados da tua mocidade prestigiosa, na suggestão dos teus grandes olhos luminosos, no feitiço da tua alma d'essencia, em tudo, Maria Clara, que vem de ti...

Houve um grande e fundo silencio d'estase... A lua, ao alto azul, corria ligeira por entre alvos cirros esgarçados...

PEDRO AMERICO

A VERDADEIRA DATA DO SEU NASCIMENTO

Um ano passado, nesta revista, escrevi algumas linhas sobre a data do nascimento de Pedro Americo, sem outro proposito que o de mostrar haverem incorrido em erro, a esse respeito, todos os seus biographos.

Comentando-me de registar, com documento, em 1840, no livro do dr. Cardoso de Oliveira, não só por ser o de maior divulgação, senão por achar que o autor se comprometia a tarefa de completa-lo, sendo facil, no momento, ter má do engano.

Transcrevi o passo em que o dr. Cardoso de Oliveira afirma ter nascido Pedro Americo a 10 de abril de 1843. Não contestei o dia nem o mês; quanto ao anno, porém, deixei demonstrado ter sido o de 1840 o do nascimento do genial artista.

Convide-me, para provar, do velho caderno em que Manuel de Christo Gangeiro de Mello costumava por habito anotar os laços mais importantes de sua vida, como se previasse vir elle mais tarde a prestar grandes beneficios, quaes os de que agora me aproveito. Manuel de Christo era avô de Pedro Americo.

Organizei-lhe ás mãos o meu artigo, não se conformou o dr. Cardoso de Oliveira com a mudança, e houve por bem honrar-me com a repulsa carta que, com a devida venia, vou a transcrever:

«Sr. Dr. Elpidio de Almeida—Comprimando-o attentosamente, permita-me v. s. que, em vespertãs de viagem de regresso para o Chile, onde tenho o prazer de offerecer meus pequenos prestimos, lhe dirija estas apressadas linhas.

«Chegon-me agora casualmente ás mãos, enviada por um amigo do norte, uma pagina da revista «Era Nova» com um interessante artigo da sua lavra: PEDRO AMERICO.

«Neste escripto, sou por v. s. accusado de ter commettido serios deslizes na biographia que sob o titulo PEDRO AMERICO—SUA VIDA E OBRAS, escrevi, do meu querido, saudoso e nunca assás louvado sogro, entre os quaes sobrelevam o do anno do seu nascimento e o do nome exacto do seu illustre avô Manuel de Christo.

«Devo dizer a v. s. que a data de 29 de abril de 1843, como sendo a do nascimento de Pedro Americo, foi a que encontrei em todas as publicações a seu respeito, inclusive o Perfil biographico de Pedro Americo, da autoria do illustre poeta e diplomata Luiz Guimarães, seu companheiro de infancia e de collegio, compadre e amigo intimo, trabalho publicado, penso bem lembrar-me, em 1870. E que é mais—este e outros detalhes

lhantes, como todas as outras datas, nomes e acontecimentos de familia, foram-me varias vezes confirmados pelo proprio Pedro Americo que não é crível os ignoresse e muito menos não soubesse certamente o anno do seu nascimento.

«Mas, eis aqui o velho caderno encontrado por v. s. e estragado a ponto de poder confundir-se 1843 com 1840? Não teria havido uma outra creança com o nome de Pedro Americo nascida em 1840 e que tivesse fallecido, dando-se o mesmo nome ao nosso Pedro Americo, nascido em 1843?

«Aliás será facil averiguar este ponto, se v.

No Rio de Janeiro



Senhorita ERNESTINA LEÃO DE ARAÚJO, filha do major Leão Leão de Araújo

s. quizer fazer a fôrça de obter da matriz de Arcia uma certidão de baptismo de Pedro Americo.

«Em todo o caso, agradeço a v. s. o interesse—o seu proprio artigo o attesta, que lhe inspira o nosso Pedro Americo, tanto compenheiro em certificar-lhe que procedi com tanto escrupulo e minuciosidade, ao escrever-lhe a citada biographia, que, além de todas as pesquisas em varias publicações, jornaes e folhetos que consultei, em numero superior a dois mil, pedi repetidas vezes ao proprio artista ratificação ou rectificação de datas e submitti-lhe as alterações feitas ao seu escripto, justamente no intuito de corrigir alguns pormenores, principalmente de familia e de data.

«E que confesso ignoro quaes possam ser, dado o meu consciencioso esforço de bem fazer e a verificação do proprio biographado. Aliás o subtítulo do meu livro—«Biographia documentada do illustre pintor»—e a transcrição de um trecho de uma carta de Pedro Americo, a pag. 143, dão pleno testemunho ao necessário escrupulo com que procedi naquella obra.—«Sem mais, etc.—J. M. Cardoso de Oliveira».

Não quiz voltar ao assumpto, sobre que me pede investigar o illustre escriptor, sem primeiro ir a Arcia, a seu conselho, procurar no archivo da matriz a certidão de baptismo de Pedro Americo. No rapido excursão áquelle cidade, tão só a esse fim, muito pouco consegui attinente ao meu principal objectivo.

Os livros de registo da parochia, os mais antigos e, por isso, os de maior valia, por imperdoavel desmazelo levaram criminoso sumiço, nada se podendo saber sobre o succedido na velha freguezia nos annos anteriores ao de 1874.

Mas, embora sem a prova vallosa da certidão de baptismo, continuo affirmando ter nascido Pedro Americo em 1840. Valho-me ainda, com o testemunho de Manuel de Christo Gangeiro de Mello, o anno passado me offerecido pelo bom

velhinho Dondon, a sua primogenita do segundo casamento, nascida em Arcia a 10 de novembro de 1828, onde ainda vive, de todos esquecidas, soffrendo os apertos da mais angustiosa penuria.

Abro-o á pagina em que vem exarada a historia do casamento de Daniel Eduardo de Figueiredo, o seu quinto filho, em 1836, com a filha do portuguez Feliciano Carne.

Lê-se, em seguida, muy claramente, o registo do nascimento dos primeiros fillos, com os nomes dos padrinhos e outras particularidades interessantes.

O primeiro occorreu a 17 de abril de 1837; tomou a creança o nome paterno e foi baptizada pelo padre José Antonio Lopes da Silveira, servindo de padrinhos o avô Manuel de Christo, e a tia Canutá Francisca de Figueiredo e Mello.

Nasceu o segundo fillo, Feliciano, a 14 de fevereiro de 1838 (por enzanza escrevi setembro no meu artigo); baptizou-se a 19 de março do mesmo anno; os padrinhos foram os tios Zeferino Aureliano e Paula Peltronilla de Figueiredo e Mello, falleceu a 7 de junho de 1838.

O terceiro, de nome Pedro, veio á luz a

EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO

foram os mesmos que levaram a pia a creança anterior.

Vem, após, a narração da morte de Paula Petronilla, com 27 annos e 5 meses de idade, no dia 9 de novembro de 1840, segunda-feira, ás 11 horas da noite.

Segue-se immediatamente a declaração do nascimento do quarto filho de Daniel, a 19 de outubro de 1842. Chamava-se José e falleceu com poucos meses de idade.

Aqui finda a primeira parte do caderno, a em que se occupa Manuel de Christo de cousas de familia. Trata, por diante, das suas excursões nos logares vizinhos, da annotação de suas despesas, da discriminação de suas rendas, etc.

Como se vê, não podia ter havido engano de datas. Registrando Manuel de Christo o nascimento do terceiro filho de Daniel de Figueiredo a 29 de abril de 1840, e em seguida o quarto em 1842, não é de crer que, dada a idade do caderno, estivesse o primeiro numero "estragado a ponto de poder confundir-se 1843 com 1840".

Outra cousa muito difficil de acreditar-se é ter morrido a creança de nome Pedro, nascida a 29 de abril de 1840, "dando-se o mesmo nome ao nosso Pedro Americo nascido em 1843".

Sobre ser difficil o apparecimento de dois irmãos no mesmo dia e mês, ha um facto que põe inteiramente de lado a hypothese aventada pelo dr. Cardoso de Oliveira: é o ter nascido o quarto filho de Daniel de Figueiredo a 19 de outubro de 1842, sendo quase impossivel vir á luz, a 29 de abril do anno seguinte, pouco mais de seis meses depois, outra creança viavel e que essa fôsse o que mais tarde se tornou "o mais dotado e importante pintor de nossos tempos".

Interrogando, a esse respeito, a velhinha Dondon, unica tia de Pedro Americo que ainda vive, affirmou-me não ter tido Daniel de Figueiredo outro filho chamado Pedro, que não o immortal autor da *Batalha de Avañy*.

Penso ter, assim, demonstrado, de sobejo, incidirem em erro, no tocante á data do seu nascimento, todos os que traçaram a biographia de Pedro Americo.

ELPIDIO DE ALMEIDA

O MAR

Calma-te e escuta, coração ancioso:
Limita os teus desejos ao possível!
Um sonho é sempre um sonho, inacessível;
e o desabar de um sonho é doloroso!

Olha o Mar: quando surge a lua cheia,
tonto de amor, ebrio de luz, parece
que, por beijal-a, todo se entumescer
e, nãno, o dorso liquido pompeia;
mas um subito e tor... indifferente

Approximam-se as festas do Centenario com o seu certame internacional e o Brasil inteiro se movimenta para a commemoração dessa passagem gloriosa da nossa historia politica. De todos os angulos da nacionalidade bra-

telligencia, os productos mais interessantes do nosso sólo.

Fizemos, para a confecção das notas que se seguem, uma ligeira visita á Delegacia do Centenario, nesta cidade. Inteiramo-nos do plano de trabalho que o dr. Joaquim Pessoa tem empregado e do muito que até hoje tem conseguido para a saliente representação da Parahyba na exposição nacional de setembro.

De quasi todos os municipios do Estado tem-se recebido boa copia de amostras tanto de nossa riqueza mineralogica, como também das nossas industrias manufactureiras.

Destacam-se, entre muitos, os seguintes: — Amostras de minerios de ferro—do Ingá; granitos, marmores, pedras preparadas—de Itabayanna; oleos vegetaes—de Alagôa Nova; varios minerios de Picuhy; bellos blocos de quartzos roseos, turmalinas, christaes, etc.—de Soledade.

De Itabayanna e de Cachoeira foram ainda recebidos excellentes artigos de industria fabril. Além de outros, encontram-se duas sellas caprichosamente acabadas, reides, arreios, perneiras e outros artefactos de couro.

Veriedades de madeira para construção e marcenaria vindas de muitos municipios, especialmente de Patos, que tem mandado grande quantidade de productos apreciaveis.

Lamentamos aqui a esquivança de alguns municipios como S. João do Cariry, Alagôa do Monteiro, etc., em auxiliar os delegados regionaes na aquisição de productos para a representação da Parahyba na momentosa exposição do Centenario de nossa independencia politica.

Enviamos daqui os nossos parabens ao dr. Joaquim Pessoa e aos seus auxiliares pelo interesse e esforço empregados na objectivação dessa grande tarefa.

As fabricas allemãs de tecidos

Uma estatistica official publicada em Berlim demonstra que as fabricas allemãs de tecidos de algodão, este anno, estão desenvolvendo uma capacidade productora que representa 85 por cento da produção do anno passado. As perspectivas do presente anno, entretanto, são problematicas, devido á recente crise commercial.

As Escolas Centraes Chilenas

Foram estabelecidas no Chile diversas escolas centraes. A escola tem o caracter de um lar para os seus alumnos e seus paes, e é uma fonte de protecção para as creanças e um nu-



DR. JOAQUIM PESSOA

sileira parte o mesmo eco de vibrante entusiasmo.

Dentre os festejos projectados para o Centenario salienta-se a importante feira nacional, que exporá aos olhos das grandes nações civilizadas, que se fizerem representar na mesma, o desenvolvimento das nossas industrias e a riqueza do nosso sólo.

A Parahyba, não obstante a sua pequena extensão territorial e quejanda escassez de progresso industrial, parece ir cooperar vantajosamente para a imponentia dessa solennidade.

Coube, entre nós, a direcção dessa trabalhosa incumbencia ao dr. Joaquim Pessoa. Nenhuma outra individualidade patricia poderia sobrepujar-lhe em desvelo, energia e capacidade de trabalho.

A trajetória de sua vida publica foi sempre admirada por todos os que de perto o conhecem. Apreciamos-lhe o valor administrativo desde que lhe foi confiada, ha bem pouco tempo, a chefia do serviço sensitario, neste Estado.

...e mil-o desfeito, humilimo e impotente,
em soluções de espuma sobre a areia!...

Paula Nogueira Sobrinha

Merecem também sinceros encômios os de-
legados regionaes que lhe servem. Esses jovens
titulares têm angariado, com a sua

deco de patriotismo e civismo. Torna-se uma
propriedade commum, uma instituição cujo
progresso attrae e interessa a todos, um cen-
tro de poder social e moral.

CRIANÇAS

VICENTE DE CARVALHO (Da Academia Brasileira)

Na sala de S. José, daquelle velho, barbu-
do, como São José, com a sua túnica verme-
lha entre os hombros, nas mãos o cajado
de madeira milagrosamente abotoado em
fundo, e que, desde longínquos avós de cuja
memória já só elle restava, se mantinha como
um predilecto na devoção da familia.

Em o seu dia, segundo a consagração do ca-
lenda. E ao fundo do oratorio aberto, des-
cuberto, dominando de toda a magestade de
seus braços de dous palmos uma côrte de pe-
quenas imagens secundarias, com um ramo
verde de lérias aos pés, o santo resplandecia
no claro da vela benta accessa em sua honra.
O santo elle, illuminado e glorioso, o be-
nedito carpinteiro de Bethelem, escolhido
por Deus, como o mais puro entre todos os
homens puros, para depositario e guarda fiel
da purissima, fecunda virgindade de Nossa
Senhora. Segundo uma tradição remota e que
passa de geração em geração, transmitida de
pai a filho, a velha e encaçada imagem re-
novava pontualmente todos os annos, naquelle
dia que o calendario lhe destinava, uma sin-
gula homenagem de veneração, de confiança,
de amor, sob a forma de um ramo de lérias
verde e inchado em perfume aos seus pés, e
uma vela benta que ardia e se demovia em
calor.

Os três pequenos, pulhando-se sobre as
bancas de qualquer intervenção alheia, tinham
costume entre si dar uma busca no interior
do oratorio. Jorge, o mais velho, conhecia a
sua e dirigiu a acção. Era já um homenzinho
de cinco annos, chefe natural e terrível do
grupo. Fecundo em plano de travessuras, ou-
tra a execução, distribuindo com mão for-
te a prodiga despojos e taponas, Jorge era aca-
do e seguido, fuxou vigorosamente para
que os seus irmãos, em que assentava o
seu poder, uma cadeira ergueu para esta o João-
zinho, cujos três annos eram ainda incapazes
de apoio e sem auxilio, de altas cavallarias
com os seus...

— Agora você! — disse com voz de coman-
do dirigindo-se á irmanzinha. E ajudou-a a
subir.

Em seguida, cumpridos os deveres de che-
fia, Jorge subiu por sua vez, collocando-se
entre os outros dois.

Os três, encantados, puzeram-se a exami-
nar um por um os sagrados moradores do
oratorio. Havia um S. Pedro, com os olhos
vermelhos de arrependimento de ter negado o Di-
nho Mestre, fitando vagamente o tecto. Tinha
na mão a chave dourada com que abre as al-
mas as elcitas as portas da Bemaventurança.

e repousava sobre a túnica azul do santo a sua
crista quasi quadrada. Fronteira a S. Pedro,
com o cordeirinho branco aos pés, a sua ro-
bustez e moço, as pernas suas até aos jo-
elhos, S. João apoiava a mão esquerda na lon-
ga curva de seu cajado de pastor, e estendia
o braço direito num gesto magestoso de ben-
ção ou de predica. S. Francisco, dentro de seu
comprido habito negro, tinha um ar de suave
humildade, com os olhos baixos, o rosto in-
clinado para o chão e emoldurado por umas
enormes barbas cor de chumbo. Completava a
collecção de pequenas imagens uma pequenina
Senhora das Dores, doce figura de mãe angus-
ta.

A vida em flor



Eudes, Elba, Elza e Eudália, filhas do
cel. José Patrício de Carvalho, phar-
maceutico em Avia.

fiada, com o punhal simbolico cravado no co-
ração até ao cabo, as mãos postas, os olhos
afflicto e lacrimosos erguidos para o céu. A
primeira coisa que atrahiu o olhar do mais
pequeno foi o cordeirinho de S. João.

— Um bicho! — disse elle apontando com o
dedinho esticado.

— Não é bicho — corrigiu Jorge — é carneiro.
— Elle morde?

— Não, explicou o mais velho, só dá chi-
frada.

— Mas elle não tem chifres? — interveiu Vivi.
Jorge não gostou da objeção que intrin-
gava a figura do santo.

— Eu tenho medo delle, disse Joãozinho.

— Não é carneiro de verdade, assegurou Jorge.
Não se move. Quer vêr?

Agarrou pelo pescoço o cordeirinho de S.
João, e puxou-o. A fragil massa partiu-se; e
ficou solta na mão de Jorge a cabeça do ani-
malzinho degolado.

— E agora? perguntou Vivi assustada. Eu
não vejo? Vivi, note-se, nada tinha dito á
quelle respeito.

Jorge, porém, era corajoso e resolutivo; metteu
rapidamente no bolso a parte arrancada do
cordeiro dizendo:

— Não faz mal, eu escondo. Ninguém conte,
hein?

Pouco preocupado com aquelle incidente,
tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de
um objecto, Joãozinho olhava já attentamente
para o gallo posto aos pés de S. Pedro.

— O que é aquillo? perguntou desconhecen-
do a figura mal feita.

— É uma gallinha, explicou Jorge.

— Eu quero a gallinha! declarou Joãozi-
nho.

— Não, acudiu Vivi. Aquillo é do Santo.

— Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao ir-
mão o gallo de S. Pedro com as pernas par-
tidas, e sem a crista, que ficara pregada á tu-
nica do santo.

Vivi reparou na imagem da Senhora das
Dores por cuja face desbotada pela magua cor-
riam lagrimas de sangue; e, commovida, per-
guntou:

— Porque será que ella está chorando?

Jorge explicou promptamente:

— Você não vê que ella está com uma faca
enferrada no peito?

— Cortada! murmurou Vivi. É melhor tirar
a faca.

Jorge tirou a faca.

— Quem seria o máu que deu a facada? per-
guntou Vivi.

— Foi o barbudo! opinou Joãozinho apen-
tando para S. Francisco.

Devia ter sido mesmo: S. Francisco com a
sua longa túnica negra, as suas enormes, in-
criveis barbas de chumbo, era a figura mais
feia da collecção.

— Com certeza foi elle! concordou Vivi.

— Foi! decidiu Jorge. Pois vae de castigo.

E agarrando S. Francisco, metteu-o, preso,
no vão escuro entre o oratorio e a parede.

Chegara a vez de S. José, que jazia no lo-
gar de honra ao fundo do oratorio.

Jorge com uma crudição pittoresca, anan-
tiava...

de História Sagrada que Jorge ia cosendo de farrapos. Mas a allusão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, esperou e teve

na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que era a mãe, que subia, a ver de certo

Ella, porém, muito energica:
— Eu? hei de muito energica!

ERA NOVA

o pai do Menino Deus. Mas o Menino Deus não é filho d'elle, é filho do Espírito Santo, que é uma pombinha...

— É uma pombinha que anda nas folhas, em cima da bandeira, interrompeu Vivi.

— Eu já vi! disse com importancia e orgulho o Joãozinho.

— Chama-se São José, continuou Jorge. Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino Deus nasceu, appareceu uma estrella. Os pastores todos foram rezar, foram também três reis. Um era preto...

— Um rei preto? estranhou Vivi.

— Preto, sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

— E as princezas?

— As princezas, não; que bôba! As princezas são umas moças muito bonitas, com cabello de ouro, e uma estrella na testa... O outro rei mandou matar o Menino Deus...

— Porque? Perguntou Vivi.

Jorge hesitou. Na realidade elle estava pouco ao par das razões politicas de Herodes; mas não quiz dar parte de fraco e depois de reflectir um momento, respondeu a Vivi.

— Ora porque... Porque era um rei muito malvado.

— E mataram o Menino Deus?

— Não puderam, capaz! S. José, por Nossa Senhora, com o Menino Deus no collo, em cima de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, e todos três fugiram para outra terra...

Joãozinho apertando na mão o gallo arrancado a S. Pedro, dobrara sobre a commoda o braço, encostara a este a cabecinha loira, e cochilava, no aborrecimento daquelle exposição de História Sagrada que Jorge ia cosendo de farrapos. Mas a allusão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, esperou e teve um aparte:

— O santo está sujo.

Efectivamente. O tempo, a fumaça da vela benta, accendida sempre, durante annos, e annos, no dia consagrado a S. José, haviam encardido a imagem, desbotando-lhe as cores, envolvendo-a como numa poeira baça e gordurosa.

— E' mesmo, disse Vivi reparando. Está muito sujo. Coitado, é preciso limpar elle!

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez descer da cadeira os irmãos.

Afastou as pequenas imagens, e o ramo de liras. Agarrou com a mão esquerda a peanha, e com a direita o pescoço de S. José. E num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Dahi a instante, S. José estava no chão, sozinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enquanto vazava nella a agua do banho, ordenou a Vivi que trouxesse o sabão.

— Sentaram-se os três, Joãozinho, Vivi e Jorge, e começaram a lavar o santo. O Joãozinho, com a mão direita, esfregava o rosto do santo, e a Vivi, com a mão esquerda, esfregava o corpo do santo. Jorge, com a mão direita, esfregava o rosto do santo, e a Vivi, com a mão esquerda, esfregava o corpo do santo.

com todo o cuidado o barbudo, calvo, veneravel S. José, deu-lhe um mergulho.

— Agora você! disse elle, dirigindo-se a Vivi. Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, poz-se a ensaboar o santo.

— Dahi a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, S. José tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquella austera calva tão lisa e tão lustrosa, apparecia salpicada de rubores que lembravam uma empingem...

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais força.

Vivi esfregou com energia. A massa molhada começou a esfurelar-se.

E agora? perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos

— Foi aquelle pestinha! murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho, aturdido, a imagem escalavrada de S. José; beijou-lhe os pés com palavras compunhidas em que pedia perdão pelo sacrilegio dos filhos; e repoz o santo no seu oratório forrado de azul com estrelinhas de ouro, cercou-o da sua corte de pequenas imagens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava occulto, de castigo, no vão escuro.

Cumpridos esses actos de piedade, voltou-se para Joãozinho, que apanhara do soalho o gallo de S. Pedro, e conservava-o na mão:

Você fez uma coisa muito feia, e vai apanhar, ou vai para o quarto escuro...

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

— Não mamãe...!



MAMANGUAPE Matadouro publico

na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que é que faziam os três traquinhos, tão socegados havia tanto tempo... Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestido branco as mãos molhadas das tintas deluidas da imagem de S. José...

Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo apenas que ficara unico senhor do campo, apoderou-se do santo, e poz-se muito entretido, a lambuzal-o de sabão.

Encontrou-o a mãe nessa tarefa, e que se entregava conscienciosamente; e avançou para elle no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfurelar com todo o cuidado uma orelha de S. José.

— Maroto! exclamou ella.

E lá fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestígios e destroços via no soalho e no oratório devastado, quando lhe acudiu a reflexão de que Joãozinho não podia ser o culpado do sacrilegio, de que houvera forçosamente no caso intervenção de mãos habéis, de braço mais forte, de figura mais taludinha.

Ella, porém, muito energica:

— Escolha: ou apanha ou vai para o quarto escuro!

Joãozinho filou-o. Percebendo no rosto severo da mãe que não escapava mesmo. Ora elle nunca tinha apanhado, e conhecia já o quarto escuro.

Escolheu choramingando:

— O quarto escuro, não...

Vá, então, buscar o chinello, para apanhar.

Joãozinho foi, vagaroso, de cabeça baixa, como um criminoso que era.

Quando voltou, trazia sempre, na mão esquerda, o gallo de S. Pedro, e empunhava na direita em pé dos chinellinhos... de Vivi...

— Com este, sim? implorou.

E lá entregar o quasi inoffensivo instrumento do supplicio—quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... E com o rosto afflicto, os olhos supplicantes, numa vósinha entrecortada, de susto e de choro:

— Eu mesmo me dou, sim, mamãe? Eu me dou, com força. Eu prometto que me dou com toda a força!

CARTAS

DE

MULHER

MINHAS GENTIS CONTEMPORÂNEAS:

Gentilmente convidada para colaborar nesta magnífica revista, eis-me aqui perante vós, entre genuflexa, como quem se aproxima de um altar, e amorosa, como quem se aproxima de uma bocca talhada á feição de um beijo...

Venho da "Parahyba Illustrada", onde escrevi as minhas primeiras cartas, então endereçadas a uma linda e gentil amiga, hoje longe daqui, casada com um bello rapaz que ella elegera para o seu amor, mas que elle acceitara, como todos os homens por mero desfastio.

Essa amiga, que era linda como um anjo, roubou-m'a elle (como são maus os humeus, meu Deus!) num dia de sol brilhante e tropical, embarcando no mesmo dia do seu casamento rumo sul, em viagem de núpcias. Delle ficaram-me apenas duas lagrimas, que lhe sorprendi pendentes dos seus formosos olhos e que me caíram, ao beijal-a, como fogo, na alma, no momento em que cingia, com o véo, a nivea fronte engrinalhada para o supremo sacrificio.

Que más que somos nós proprias para com as outras!

Com que satânico praxer vestimos nós as noivas e lhes requintamos a toilette para essa noite, que é um mysterio terrivel! Mysteries dos mysterios! Com a mesma mão com que a levamos, tremula como um lyrio, aos pés do ministro de Deus, a levamos, chorosa e transida de medo e emoção, ao limiar da alcova!... É a volupia do mal!

Mas não quero falar-vos disso. De que, então, devo eu falar-vos nesta revista, que, certo, constitue o maior encanto para os vossos espirites?

Do amor? Calo, assim, no mesmo circulo vicioso.

Demais, do amor não precisas que eu vos fale. Sabeil-o melhor ou tanto quanto eu. O amor não se ensina: é a unica coisa que aprendemos por nós mesmas. Muitas vezes lhe invertemos a ordem natural e começamos a aprendizagem pelo fim, isto é, por x, y, z.

É que o amor é assim... Lá um dia amanhecemos tristes, nervosas, com desejo de chorar. O coração não tem os mesmos rythmos. Imagens extravagantes e bizarras, violentamente irisadas, bailam no nosso cerebro. Sentimos vertigens. Uma esquisita sensação de mal-estar nos enerva como uma manhã fria de inverno. As attitudes se nos relaxam em longos e voluptuosos espreguiçamentos de animal. O nosso corpo tem flexuosidades espelhanies de serpente. Temos tudo, e tudo nos falta.

A propria musica irrita-nos a sensibilidade dos centros nervosos. Adoecemos. Grandes circulos violaceos nos empanam o brilho dos olhos. Chamam-se os melhores esculapios, e esses idiotas prescrevem-nos uma poção sedativa qualquer. O seu diagnostico é falho. Marco-se uma conferencia medica; mas, ao primeiro contacto com o mal, falecem todos os seus systemas de deducção scientifica.

Que é, então, que temos? Que mal é esse que se não localiza e se nem precisa? Que estranha disposição do nosso organismo é essa para se enfermar de lesões locais mais ou menos variadas, mas, todas ellas, manifestações symptomaticas de uma doença generalizada da mesma natureza?

Diatheze amorosa? Mal de amor? Mas de onde nos vem essa entidade morbida, parasitaria? É simples. Contraponho o meu instincto de mulher á sciencia fragmentaria dos melicos. O mal nos vem, ás vezes, de um simples encontro em um theatro, em um baile, em um cinema. É um rapaz que nos olha um momento e que nos inocula no coração o malefico parasita.

Os primos são, por via de regra, os mais temiveis vehiculadores do mal do amor...

Com muito affecto, vossa

V.

OS AVIADORES PORTUGUEZES



SACCADURA CABRAL

Sejam bemvindos ás terras de Santa Cruz os lusos aeronautas, que nos trazem as saudações fraternas do povo português, descobridor de mares, civilizador da Africa e da Asia, pregoeiro da fé christã e inspirador dos Lusíadas.

Nos idos tempos do Mar tenebroso, as caravelas partiam do Tejo, para levar aos povos do mundo as luzes da civilização, os ensinamentos de Christo, as iouganias da arte, os principios basicos e constructivos do direito. Hoje, o heroísmo dos descobridores ascende aos céos, num arto de liberdade, supprimindo as distancias e as barreiras convencionares dos países.

E' uma formula inédita e commovente de arrojada bravura. A sede de gloria e nada mais é a causa efficiente dessas investidas para o infinito. Rememoremos, desvanecidos, que partiu do Brasil esse olympico anseio de voar, cujo iniciador foi Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o Colombo desses novos mundos aereos.

Assim como nos trouxe Pedro Álvares as primeiras embaixadas do seu Reino, nos trazem agora Gago Coutinho e Saccadura Cabral as envolventes cordialidades da lusa democracia.

Assim, as duas Republicas, historicamente filiadas, se estreitam por sobre os mares, num nutuo amplexo de frenente fraternidade.

Todas as corollas das nossas campinas, todos os gorgeios das nossas florestas concorram festivamente, num hosanna fervoroso, aos bravos pilotos destemerosos, que tão galhardamente nos visitam e nos recordam as nossas origens naçoes.



GAGO COUTINHO

O CERTAME DE BELLEZA

QUAL A MAIS BELLA?

Felizmente os esforços de todos tendem synergicamente para o brillantismo do interessante pleito de formosura.

Do interior nos chegaram esta semana os nomes das ultimas candidatas a formarem o quadro das eleitas do Estado falando apenas a da capital.

Dentre essas victoriosas é que tem de se escolher a parahybana mais bella, como dentre as de todos os Estados surgirá a rainha da belleza brasileira.

Já conhecemos pelos nomes as eleitas de todas as localidades onde houve eleição e opportunamente iremos publicando nesta revista seus retratos. Hoje a nossa capa se illustra com o da formosa senhorinha Alice Gaudencio, a eleita de S. João do Cariry, que é um admiravel exemplar de nossa raça.

Com o fim de obter as photographias de todas as escolhidas do interior designamos, auxiliados pelo Delegado do Centenario, os photographos João Dias, Gustavo Silva e Manfredo Stuckert que já seguiram viagem para as respectivas zonas.

O Jury

O grande jury que tem de escolher, dentre as victoriosas dos municipios incluso o da capital, o typo ma-



A mais bella de AREIA

SENHORITA MARIA DE LOURDES COSTA

de outras pessoas de representação social da Parahyba.

A entrada á sala onde se reunir a commissão julgadora será franqueada a todos quantos se apresentarem decentemente trajados para que possam fiscalizar de perto os respectivos trabalhos.

Premio "Navarro"

Brevemente será exposto ao publico o rico premio Navarro de que falamos em nossa edição anterior.

Premio "Julio Meira"

O conceituado photographo patricio Julio Meira, proprietario da Photographia Colombo, premiará a eleita com uma duzia de retratos de gabinete.

Premio "Era Nova"

Esta revista já fez encommenda do premio com que ha de brindar áquella que receber a sentença sublime de ser a mais linda de nossas patricias.

ximo da formosura parahybana, se realizará, no dia 2 de julho, em logar previamente designado. Esse julgamento será presidido pelo sr. dr. Joaquim Pessoa, delegado do Centenario.

Olivio Pinto, intelligente pintor parahybano, reproduzirá, em ponto grande, o retrato da candidata escolhida, que aporemos em nosso gabinete redaccional como uma lembrança de...

ERA NOVA

SA' LEITÃO & COMP.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65 — RUA MACIEL PINHEIRO — 65

PARAHYBA DO NORTE

Endereço Telegraphico: **BALISA**

GONSALVES PENNA & C.^a

Livraria, Typographia, Encader-
nação e Pautação a vapor,

ARTIGOS PARA PRESENTE
E DESENHO

Objectos para escriptorio

RUA MACIEL PINHEIRO—193

PARAHYBA DO NORTE

BONUS DA INDEPENDENCIA

PREÇO 20\$000

Premio maior 500:000\$

— DEZ MIL PREMIOS! —

SEIS PREMIOS DE — 100:000\$000 !!!

O primeiro sorteio terá logar a 31 de Março corrente

VENDEM Benjamin Fernandes & C.

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

A ATTRACTIVA

Camisas para homens, chapéus
para senhoras e creanças.

RUA MACIEL PINHEIRO — PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BECO DO ROSARIO 119

Antonia Magalhães

PROFESSORA DE HANDELMAN

ENSINA COM SATISFATORIA PERFEIÇÃO

Rua Philippson, n. 119.

PARAHYBA

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionais e estrangeiras

End. Electr. — ALZIRA.

Caixa Postal, 98.

Telephone n. 263.

91 — Rua Maciel Pinheiro — 91.

★ PARAHYBA DO NORTE.

Armazem de Estivas.
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar
DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N.º 3 DODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — FERNANDES

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVAS

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VAREZAS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerosene, Arame farpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA
DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Refinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filial em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6. — R. Desemb. Trindade, 14
e 16. — Praças Santos Dumont e 15 de Novembro.

End. Tel. Vergara — Parahyba

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades,
para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas,
meias, collarinhos, malas, camisas
e perfumes.

Depositaros dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba

CASA VESUVIO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 163

Caprichoso sortimento de
tecidos, modas e armário.

VICENTE BAITACASO & COMP.

Perfumarias finas, objetos para
presentes e artigos para homens

"A ELITE"

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

BAZAR PARAHIBANO

GUARABIRA

FILIAL EM PARAHYBA

222, Rua Maciel Pinheiro 222

Completo sortimento
de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha



CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, per-
fumarias, roupas, etc. — Especialidades em chapéus
de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, phan-
tasias, cretonas, morins e outros artigos para ho-
mens, senhoras e crianças. — Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.

Filias: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

ALFAIATARIA ZACCARA

EXECUÇÃO PERFEITA DE:

Ternos de casemira, sob medida, de accordo com
figurinos escolhidos. Concede regular desconto para
as encomendas de mais de um terno.

Corte garantido, sob a competente direcção do
mestre cortador MATTEO ZACCARA e BRAZ CAN-
TISANE, artistas possuidores de tres diplomas e
uma medalha de ouro conferidos no curso I Dainotti,
de Napolis. Mantem vasta e variada secção de per-
fumaria e artigos para homens, como: chapéus, ca-
misas, gravatas etc. etc.

ZACCARA & C.^{IA}

ZACCARA & C.^{IA}

Rua Maciel Pinheiro — 176-180
Parahyba do Norte



CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até crianças podem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19

RUA MACIEL PINHEIRO N. 29

PARAHYBA DO NORTE

Ford

O AUTO UNIVERSAL

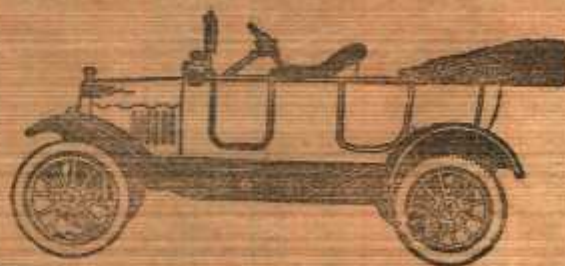
Equip. 5 passageiros	5.500\$
Comissão, classe	5.400\$
Tractor, Fordson	8.000\$

Officina completa para concerto
e estufa para pintar

Venda de peças legítimas FORD

Agencia Ford—MONTETH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO



ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, acce-
tando trabalhos para o interior,
Expediente das 10 ás 18 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, acce-
tando trabalhos para o interior,
Expediente das 10 ás 18 horas